

A BONITA BOLIVIANA MANTEVE A PALAVRA

Por José Damião de Lima Trindade ¹

Na primeira metade da década de 1990, quando, na Universidade Estadual de Campinas, escrevia sua tese de Doutorado em Filosofia focada em E. B. Pachukanis – o mais importante teórico marxista do direito do século XX – o professor Márcio Bilharinho Naves protagonizou um acontecimento que, malgrado pitoresco, dá a medida de seu irreduzível rigor científico e honestidade intelectual.

Excetuada a edição pioneira de “A Teoria Geral do Direito e o Marxismo”, publicada em 1989 pela editora Renovar, é improvável que, àquela época, houvesse algum outro texto de Pachukanis em português. O fato é que, pesquisando os textos de Pachukanis traduzidos para o francês, inglês, até para alemão, o professor Márcio Naves defrontou-se, de idioma para idioma, com diferenças vocabulares que denotavam imperfeições de tradução e que, eventualmente, poderiam comprometer a fidelidade conceitual ao pensamento de Pachukanis. Qual seria a conduta esperável, considerado o padrão mais comum na nossa academia? Escolher a tradução que se afigurasse mais confiável, a mais citada, aquela que contasse com melhores recomendações de especialistas, algo assim, correto? Correto. Mas não para o professor Naves. Ele não se daria por satisfeito com nada menos do que a *certeza*: teria de ler Pachukanis no original – no original em *russo*! Márcio Naves foi estudar russo. Quantos outros pesquisadores se deixariam levar por tão exigente acicate intelectual, por tamanho agulhão científico, ao ponto de se imporem a si mesmos um caminho assim, feito de pedras?

Mas essa opção embutia dificuldades óbvias. Não estavam disponíveis em nossas bibliotecas ou livrarias textos de Pachukanis em russo. Ademais, naquela época, a internet mal engatinhava: ainda não haviam livrarias virtuais, nem haviam sido inventadas essas atuais ferramentas de busca. A única saída seria viajar para a Rússia, pesquisar nas livrarias de lá, uma alternativa quase proibitiva para o salário de um pesquisador da UNICAMP que, então, estava a meio caminho em sua carreira. Foi quando o professor Márcio soube que um amigo, José Manoel, estava prestes a embarcar para uma excursão turística a

¹ Procurador do Estado de São Paulo recém-aposentado, é autor dos livros: *História Social dos Direitos Humanos* (Editora Peirópolis) e *Os Direitos Humanos na Perspectiva de Marx e Engels* (Editora Alfa-Ômega).

Moscou. Márcio Naves entregou-lhe uma nota de cem dólares e encomendou-lhe o livro de Pachukanis.

Retornando da excursão eslava, José Manoel informou que não encontrara obras de Pachukanis à venda nas livrarias de Moscou. Naquela Rússia de restauração do capitalismo privado, em que pontificava Boris Ieltsin sobre os escombros da recém-desmoronada União Soviética, o autor buscado estava, certamente, fora de moda. Mas o amigo viajante acrescentou que conhecera uma bonita boliviana que freqüentava um curso de pós-graduação em Moscou, e que, por estar residindo na cidade, ela teria se disposto a procurar o livro com mais calma. Assim, ao despedir-se dela, o bom José Manoel deixara em suas mãos a nota de cem dólares... Imaginem a reação do professor Naves: não obtivera o livro de que precisava e, com grande probabilidade, perdera os cem dólares para a sedutora boliviana!

E o improvável aconteceu: uns dois meses depois, chegou pelo correio o livro de Pachukanis em russo, numa edição antiga e usada.

Esses fatos aconteceram há bem uns 17 ou 18 anos. Meu relato de memória pode abrigar imprecisões. Pode ser que a boliviana fosse colombiana ou chilena. E, como esta edição da **Revista Jurídica DIREITO & REALIDADE** foi planejada como uma homenagem **de surpresa** ao professor Naves, fiquei impedido de certificar-me diretamente com ele sobre os detalhes desse episódio. Mas que a boliviana era bonita, José Manoel assegurou que era mesmo. E que ela honrou seu compromisso, honrou sim.

Então, bebendo no idioma original de Pachukanis, o professor Márcio Bilharinho Naves escreveu este insubstituível clássico do marxismo internacional contemporâneo: "*Marxismo e Direito – um estudo sobre Pachukanis*". Um texto, para dizer o mínimo, iluminador do complexo tema de que se ocupa, e redigido com um rigor científico e um empenho revolucionário que, por si só, vale por uma vida inteira de ciência e de revolução. Quem, estudando Marx e Pachukanis de modo sério, conseguiria deixar de citá-lo?

A propósito: até então, grafava-se, em língua portuguesa, *Pasukanis*. O professor Márcio Naves, dominando o idioma do autor estudado, registrou a fonética adequada: *Pachukanis*. Desde então, todos – autores e editoras – passaram a grafar desse modo correto.